

RESULTADOS DE UMA FÉ MATERIALIZADA, SIMPLES E OBJETIVA



ele olhava em redor para ver quem havia feito aquilo. [33] Então a mulher, atemorizada e trêmula, ciente do que lhe havia acontecido, foi, prostrou-se diante dele e contou-lhe toda a verdade. [34] E Jesus lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre desse teu mal." (Marcos 5.25-34 – Almeida Século 21)

O contexto da passagem bíblica acima tem início no episódio onde o Senhor Jesus, de passagem pela cidade de Decápolis, expulsa uma legião de demônios e os envia para uma manada de porcos (vv. 1-13). O povo daquela cidade, temeroso ao contemplar tamanho poder, ao Mestre que abandone o lugar (vv. 14-20). De volta ao território judeu, o Senhor Jesus é chamado por um pai desesperado para curar sua única filhinha que estava à beira da morte (vv. 21-23). Sem hesitar, Jesus aceita ir com ele até o local onde a menina estava. Durante o percurso, uma grande multidão em movimento o seguia e o comprimia (v. 24). Nesse momento o autor insere, em construção em sanduiche, outro episódio. Surge uma mulher que, em poucos instantes, teria a vida radicalmente transformada através de um toque nas vestes do Senhor Jesus.

Quem era essa mulher? O que a levou àquela situação? Em que condições ela se aproximou de Jesus? E o mais importante: Que lições de vida podemos extrair de alguém, cujo nome nem se quer é mencionado?¹ Vejamos:

A narrativa bíblica revela (v. 25) que essa mulher sofria de hemorragia, um fluxo de sangue, uma menstruação constante que não pausava. Pelo contrário, piorava. Aquela mulher perdia sangue diariamente. Por causa da hemorragia contínua, ela provavelmente desenvolveu anemia profunda, fraqueza constante, dores de cabeça, tonturas e outros problemas correlatos. Além de sintomas físicos, a doença também consumia a força interior daquela mulher. Sangue é símbolo da vida e o diagnóstico daquela mulher era sombrio; ela parecia morrer pouco a pouco; a vida parecia esvaír-se lentamente do

¹ Diferente de Jairo, a mulher permanece anônima. Ela aparece e desaparece na multidão. Só bem mais tarde houve quem afirmasse que ela chamava Berenice ou Verônica e que vinha de Cesaréia de Filipe. [POHL, Adolf. *O evangelho de Marcos: Comentário bíblico Esperança*. Trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998. 187 p.]

seu corpo. Ela não apenas estava perdendo a vida, como não podia gerar vida. Seu útero em vez de ser um canteiro de vida, tinha se tornado o deserto da morte. Mas por incrível que pareça, havia outra situação que a abalava.

No período neotestamentário, a mulher era amplamente menosprezada pela sociedade judaica. Tratada como objeto e propriedade do pai ou marido – assim como um boi ou jumento, cf. Êxodo 20.17 – o valor de uma mulher era calculado com base na capacidade dela em gerar filhos. Se ela tivesse um ventre fértil, era valorizada. Caso contrário, a mulher não tinha valor algum! Mas não bastava para a mulher ser fértil. Todo homem desejava que suas mulheres dessem à luz a “meninos” e não a “meninas”, pois eles aguardavam o Messias. A esperança de todo homem judeu era a de que seu futuro filho viesse a ser aquele que salvaria o povo de Israel do domínio do Império Romano. A aflição da mulher era muito grande em relação a ter filhos. Se ela tivesse uma filha mulher traria constrangimento sobre a sua casa. Quando um homem judeu se tornava pai de uma menina, ele se dirigia ao templo durante sessenta dias, e nesse período o orava todos os dias pedindo perdão a Deus pelos seus pecados e por ter gerado uma filha mulher!

Como se não bastasse o constrangimento social pelo simples fato de ser mulher, de acordo com as leis e tradições judaicas da época, quando uma moça ficava menstruada, ela era considerada cerimonialmente e socialmente impura (cf. Levítico 15.19-20). Além disso, mulheres menstruadas transferiam sua impureza a tudo que tocavam – inclusive os utensílios domésticos e o respectivo conteúdo (cf. Levítico 15.25-27)². Por isso, quando a mulher judia entrava no seu ciclo menstrual, quando deixava de ser menina para se tornar moça – por volta dos doze anos – a cultura judaica exigia que a mãe avisasse o marido e em seguida colocasse todos os objetos pessoais da filha em uma mala. A cama da menina deveria ser destruída e suas roupas queimadas.

Uma vez que as malas estivessem prontas, pai, mãe e filha atravessavam o bairro onde moravam, em direção aos portões da cidade. Quando as pessoas viam uma mãe com a filha e uma mala, já sabiam do que se tratava. O pai e a mãe iam à frente avisando: “Minha filha está impura! Minha filha está impura! ”. Enquanto atravessavam a cidade, todos se afastavam. Já fora da cidade, a menina era levada até um local conhecido como “arraial das imundas” ou “arraial das impuras” – mas que era popularmente chamado de “Vale dos Rejeitados”.

Quando entravam no arraial, encontravam uma casa, onde uma mulher (tipo mãe superiora) acolhia as meninas com seu primeiro ciclo menstrual. Após oito dias, terminado o período menstrual, os pais voltavam ao arraial para buscar a menina e inseri-la novamente no convívio social. Aquela

² Nos dias atuais, em alguns lugares do oriente médio, essa realidade ainda se faz presente. Na ilha Okinoshima – localizada ao sul do Japão e considerada um dos locais mais sagrados do país – é proibida a entrada de mulheres. O veto é devido à menstruação: a religião xintoísta considera que o sangue é impuro e "sujaria" o local sagrado (cf. <http://www.noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2016/01/17/a-ilha-sagrada-japonesa-que-nao-permite-a-entrada-de-mulheres.htm>).

mulher que, aos doze anos, fora arrancada da sua casa, do convívio com os amigos e entregue aos cuidados de outra mulher que ela nem conhecia, possivelmente ouviu de sua mãe: *“Fique calma, a mamãe passou por isso, a vovó também e todas as mulheres passam por isso. Daqui a oito dias eu venho lhe buscar.”* Mas não foi isso o que aconteceu com a personagem do texto bíblico.

Passados oito dias, a mãe volta para buscar a filha e descobre que a menina ainda não pode voltar para casa. O fluxo de sangue da garota permanecia e sobre isso a lei judaica era bem clara: *“Quando uma mulher tiver um fluxo de sangue por muitos dias fora da sua menstruação normal, ou um fluxo que continue além desse período, ela ficará impura enquanto durar o corrimento, como nos dias da sua menstruação”* (Levítico 15.25).

É bem provável que a mãe tenha retornado novamente ao arraial no nono dia, no décimo, e a situação da filha continuava inalterada. Passou-se um mês, e nada. Passados dois meses, três meses, quatro meses, seis meses, o fluxo menstrual persistia e o constrangimento da menina também. Nesse período os pais percebem que a situação da filha não é normal. Como não há nada que um pai ou uma mãe não faça, para salvar uma filha, eles procuram os médicos e a família gastou tudo o que tinha nada tentativa de curar a menina (v. 26b). Além do gasto financeiro, o texto bíblico também afirma que a menina *“sofrera muito sob o cuidado de vários médicos”* (cf. v. 26a) que, além de oferecerem tratamento à base de chás de diversas raízes, também realizavam procedimentos invasivos. Com o fim dos recursos financeiros, a menina é abandonada pela família que, não tendo mais como socorrê-la e impedida de conviver com a moça, se vê obrigada a deixá-la refém da marginalidade social.

Doze anos se passaram... Mais de 4.000 dias. A outrora menina, agora se tornou mulher, com cerca de vinte e quatro anos. Nessa idade, ela deveria estar casada, na companhia do marido e cercada de vários filhos. Mas oposto a isso, ela passara metade da vida em isolamento, sem amigos, longe da família, longe do convívio social. Aquela mulher não podia participar dos cultos realizados nos templos, nem dos estudos bíblicos nas sinagogas. Não lhe era permitido frequentar o Templo, ir às festas religiosas, ao mercado, nem estar presente em eventos públicos, sob o risco de ser apedrejada até a morte caso ela tocasse as pessoas na rua.

Beleza e vaidade não faziam parte do vocabulário daquela mulher. A única coisa que ela adquiriu, ao longo de doze anos de intenso sofrimento e rejeição, foi o apelido de “mulher hemorrágica”. Ela se tornou uma mulher sem nome, conhecida apenas pela sua impureza, pelo seu “defeito”. Aquela mulher teve a sua personalidade adjetivada de forma pejorativa e discriminatória.

A mulher hemorrágica buscou a cura durante doze anos. Foi um tempo de busca e de esperança frustradas. Foram doze anos de enfraquecimento constante; anos de sombras espessas da alma, de lágrimas copiosas, de noites mal dormidas, de sofrimento sem trégua. Quem você também esteja vivenciando algum problema e esteja sofrendo – mesmo que em silêncio – há muito tempo, apesar de

buscar solução em todos os caminhos. Sua personalidade foi adjetivada e talvez você seja conhecido pelos outros apenas por aquilo que fez ou tem de ruim, ou pelos seus defeitos e problemas.

Talvez você traga consigo porções de sonhos que foram despedaçados pelo tempo, pelas circunstâncias vividas, ou por algum tipo de infortúnio. Talvez, à semelhança daquela mulher, apesar de todos os esforços empregados, você não obteve melhora alguma, não houve benefício algum. Pelo contrário, talvez a sua situação, o seu problema, esteja se agravando gradativamente.

A Bíblia diz que a esperança adiada entristece e adoece o coração (cf. Provérbios 13.12). Muitas pessoas vêm à igreja apenas porque estão acostumadas a vir. Acham errado deixar de vir. Mas estar em contato real com o Senhor Jesus não é o que esperam acontecer no culto. Elas continuam vindo e vindo até Jesus voltar, mas sem perspectiva de um futuro melhor, diferente, relevante.

O sofrimento vivido por aquela mulher destruía os seus sonhos, dentre eles o de se casar, ter filhos, abraçar os familiares, cultivar amigos, conhecer lugares e viver uma vida que valesse a pena ser vivida. Em vez disso, ela vivia envergonhada, com a autoestima amassada, não vivendo, apenas existindo, esperando a morte chamar. Afinal, **a pessoa não morre quando a morte chega, mas quando os sonhos se vão**. Isso porque nem todo sonho se torna realidade, mas não há realidade que não seja produto de um sonho. Portanto, quem não sonha, morre.

Durante os doze anos de intenso sofrimento é provável que, em algum momento, a mulher hemorrágica tenha pensado em dar fim à própria vida. Pode ser que ela fosse até mesmo uma suicida em potencial. Ao contrário do que a maioria das pessoas imagina, o suicida não busca a morte, ele quer fugir da vida. Ele não quer matar a vida e sim matar a dor. O suicida quer desesperadamente viver, mas, não conseguindo, então ele prefere morrer.

Muitos dos que se dizem cristãos não usufruem da vida abundante outorgada por Jesus (cf. João 10.10). Sofrem calados nos bancos da igreja, nos cantos da casa, no constrangimento de sua existência. São pessoas que se acostumaram a viver à margem dos sonhos e projetos. É gente que perdeu a capacidade de sorrir e contemplar a vida. É gente cujo estereótipo se encontra deformado. A imagem que tem perante as pessoas, está rotulada, adjetivada de forma depreciativa. A sofrida mulher não era conhecida na cidade pelo seu nome – fosse ele Berenice, Veronica, ou outro nome qualquer. Quando alguém se referia àquela mulher, era sempre como a “hemorrágica”, a “impura”. Muitas pessoas “perderam” o nome e agora são constantemente chamadas de fracassadas, inferiores, incapazes. Na maioria das vezes elas deixam de ser tratadas como gente e passam a ser taxadas como “coisa”. São quase sempre julgadas e condenadas pelos problemas e sofrimentos que enfrentam. Um provérbio judeu dizia: “*A porta que não se abrir para dar esmola, se abrirá para o médico*”³. Imagine os efeitos

³ POHL, Adolf. *O evangelho de Marcos: Comentário bíblico Esperança*. Trad. Hans Udo Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998. 188 p.

dessa frase sendo repetida frequentemente aos pais daquela mulher que, além de terem uma filha doente, ainda eram acusados de serem culpados pela vida difícil que levavam.

Aos doze anos a vida daquela mulher foi tragicamente afetada. Mas passados outros doze anos, uma intervenção divina restaurou a sua saúde, paz e dignidade. A narrativa bíblica revela que o processo de cura da mulher, até então hemorrágica, teve início a partir do momento em que ela “*ouviu falar de Jesus*” (v. 27). Certamente alguém naquele arraial lhe contou sobre o grande poder que se manifestava na pessoa do Senhor Jesus e também falou sobre os diversos milagres que Ele operava. As histórias mexeram com o ânimo daquela mulher. A obra do Espírito Santo na vida do indivíduo é algo tão extraordinário, que não há como alguém ouvir atentamente sobre o Senhor Jesus e, ainda assim, permanecer indiferente, inerte, estático.

Se depois de ouvirmos as Palavras de Jesus, o nosso coração não arder (cf. Lucas 24.32), na realidade não as ouvimos, apenas as escutamos. “Ouvir” é diferente de simplesmente “escutar”. Os dois verbos, ainda que utilizados como sinônimos, possuem conotação diferente. “Escutar” é a capacidade de perceber os sons, enquanto que “ouvir”, é a habilidade de interpretá-los.

Ao ouvir sobre Jesus e sobre os atos que Ele realizava, aquela mulher foi impulsionada a tomar três atitudes que mudaram completamente o cenário da sua vida. As ações daquela mulher, outrora hemorrágica, nos servem como lições preciosas se – a exemplo dela – também buscarmos ser transformados pelo poder que emana do nosso Senhor Jesus Cristo, que “*é o mesmo ontem, hoje e eternamente*” (cf. Hebreus 13.8).

A vida da mulher hemorrágica começou a ser transformada pelo poder de Jesus quando ela, a despeito da sua realidade de vida, manifestou:

1. Uma fé materializada – “*Tendo ouvido a respeito de Jesus, veio por trás dele, no meio da multidão, e tocou-lhe o manto*” (v. 27). A mulher não expressou a fé apenas mentalmente, ela a materializou, isto é, ela pensou e em seguida agiu, foi até onde o Senhor Jesus estava e cruzou o Seu caminho. A fé materializada sempre nos coloca no caminho de Jesus e ao encontro de Sua presença. Ela se concretiza a partir do momento em que deixamos de querer que o Senhor Jesus se amolde aos nossos gostos, desejos e vontades, e passamos a viver única e exclusivamente de acordo com sua soberana vontade (cf. Gálatas 2.20). Em vez de optar pelo caminho mais fácil – que seria encarar a multidão – a mulher optou por vir por trás dela. **Materializar a fé é abrir mão do caminho mais fácil e optar pelo caminho mais eficaz** (cf. Mateus 7.13-14) – ainda que essa decisão torne o caminho mais dificultoso.

2. Uma fé simples – “*Se tão somente tocar-lhe as vestes, serei curada*” (v. 28). **O que move a mão de Deus não é a nossa necessidade, nem os nossos esforços, mas a simplicidade da nossa fé** (“*Filha, a tua fé te salvou*” – v. 34), que deve ser semelhante à de uma criança (cf. Mateus 18.2-4),


isto é, simples, humilde e totalmente dependente de Deus. Para sermos objetos do poder de Deus, não precisamos subir escadarias de joelhos, pagar processas, mutilar a pele, oferecer sacrifícios, participar de correntes, campanhas e tantos outros sincretismos religiosos espalhados por aí. Precisamos simplesmente crer em Deus (cf. Marcos 11.22) e “descansar à sombra do Todo-poderoso” (cf. Salmo 91.1).

3. Uma fé objetiva – “No meio da multidão tocou-lhe o manto, pois pensava: Se tão somente tocar-lhe as vestes, serei curada” (v. 27-28). O toque da mulher nas vestes de Jesus não foi aleatório ou impensado, mas possuía objetivo, intenção, propósito – tocar para receber a cura. Para o verbo “tocar”, o texto bíblico utiliza o vocábulo grego ἅπτω (*háptō*) que significa “agarrar, apoderar-se de”. Porém, o mesmo termo também expressa a ideia de “colocar fogo em algo, inflamar”. A intenção da mulher era causar um impacto em Jesus que fosse suficiente para atrair a atenção do Messias. Ela conseguiu. Por causa do objetivo firmado em seu coração, aquela mulher deixou de ser chamada de “hemorrágica”, “impura”, “imunda”, para ser chamada – pelo próprio Deus – de “filha”, **herdeira do Pai Celestial**, e assim pôde voltar para casa em paz, livre de todo o mal que sofrera (v. 34). A fé daquela mulher se traduziu em um movimento irresistível de encontro imediato, pois para ela, poderia não haver outra oportunidade.

Por fim, a narrativa bíblica nos mostra que, ao perceber que houve um toque especial em suas vestes, o Senhor Jesus “olhava em redor para ver quem havia feito aquilo” (v. 32). Do mesmo modo, todas as vezes que nos aproximarmos do Senhor Jesus, portando uma fé **materializada, simples e objetiva**, faremos com que a atenção de Jesus esteja voltada inteiramente para nós. O texto sugere nítido contraste entre a multidão que aperta Jesus e o ameaça (vv. 1, 37) e a mulher que o toca, estabelecendo com ele intimidade e aconchego. A fé nos leva ao diálogo com Deus, ao estreitamento da nossa relação com Ele.

O Senhor Jesus não permite que o acontecimento passe em segredo, ficando a mulher perdida na multidão (“*Quem tocou as minhas roupas?*” – v. 30). Diz o texto bíblico que “*ele olhava em redor para ver quem havia feito aquilo*” (v. 32). Para o Senhor Jesus, era necessário que a mulher aparecesse, ficasse em evidência e ascendesse da sua humilhação. As bênçãos de Deus nunca são um fim em si mesmas. Elas servem para nos colocar no caminho da dignidade humana e nos fazer desfrutar de momentos de paz. Mais que isso, a bênçãos de Deus só fazem sentido se tornarem o abençoado em um abençoador. Sobre isso o apóstolo Paulo escreveu: “*Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus*” (2Coríntios 1.3-4).

A mulher, que habitava o “Vale dos Rejeitados” se encontrou com Aquele que disse: “... *de modo algum rejeitarei quem vem a mim*” (cf. João 6.37). Deus rejeita o pecado, mas nunca o pecador. O toque daquela mulher deveria tornar o Senhor Jesus impuro. Mas foi Jesus quem a purificou. O Senhor Jesus continua próximo a nós, oferecendo a cada ser humano a oportunidade de tocar sua presença, contemplar sua face e usufruir de uma vida abundante e plenamente restaurada.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 15/11/2015, na Primeira Igreja Batista em Vila York - São Paulo/SP.